



ISSN 2359-5051

# Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar  
de Professores

## O USO DE RECURSOS LÚDICOS E DE FERRAMENTAS EDUCACIONAIS COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

## THE USE OF PLAY RESOURCES AND EDUCACIONAL TOOLS AS A FACILITATOR OF LEARNING FOR AUTISTIC STUDENTS IN EARLY EARLY EDUCATION

Juliana Teixeira PESSANHA<sup>1</sup>  
Géssica Pereira Monteiro RANGEL<sup>2</sup>

### RESUMO

O uso de ferramentas educacionais no contexto escolar da educação inclusiva como recurso pedagógico tem sido apontado para contribuir com as escolas devido a potencialidade e versatilidade, tornando ainda mais relevante quando se trata de métodos que auxiliam no processo de ensino aprendizagem do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). São algumas ferramentas importantes na construção da aprendizagem e de ambientes inclusivos, contribuindo diretamente no processo de aprendizagem desses alunados. Diante disso o presente trabalho visa verificar o uso dessas estratégias de educação estruturada na educação inclusiva. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza descritiva, qualitativa, pois buscou-se por referencial teórico para embasar o tema, e trata-se também de uma pesquisa bibliométrica uma vez que se investigou o que há de recente em pesquisa sobre o assunto em plataformas científicas trazendo dados quantitativos. Os resultados aqui obtidos das pesquisas bibliográficas sobre a temática proposta revelam que essas ferramentas educacionais desempenhem um papel crucial na educação inclusiva. Assim, por meio dessas tecnologias os educandos com autismo terão uma aprendizagem mais significativa, pois conseguirá ter independência, autonomia e assim desenvolver suas habilidades. Dessa forma esses alunos permanecerão por muito mais tempo no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Ferramentas educacionais; Autismo; Educação Inclusiva; Criança Autista.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Candido Mendes. [juliana.pessanha@outlook.com.br](mailto:juliana.pessanha@outlook.com.br).

<sup>2</sup> Professora Mestra em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. [gessica.rangel@ucam-campos.br](mailto:gessica.rangel@ucam-campos.br).



## ABSTRACT

The use of educational tools in the school context of inclusive education as a pedagogical resource has been pointed out to contribute to schools due to the methods, potentiality, versatility, making it even more relevant when it comes to methods that help in the teaching-learning process of the student with Disorder of the Autism Spectrum (ASD). They are some important tools in the construction of learning and inclusive environments, contributing directly to the learning process of these students. Therefore, the present work aims to verify the use of these structured education strategies in inclusive education. This is a bibliographical research, of a descriptive, qualitative nature, as it was sought for a theoretical framework to support the theme, and it is also a bibliometric research, since it investigated what is recent in research on the subject. On scientific platforms bringing quantitative data. The results obtained here from bibliographic research on the proposed theme reveal that these educational tools play a crucial role in inclusive education. Thus, through these technologies, students with autism will have a more meaningful learning, as they will be able to have independence, autonomy and thus develop their skills. In this way, these students will remain in the school environment for much longer.

**Keywords:** Educational tools; Autism; Inclusive education; Autistic Child.

## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) caracteriza-se como um transtorno de neurodesenvolvimento por alterações significativas na comunicação, na interação social, no comportamento, na motricidade, sendo perceptíveis em idade precoce, tipicamente antes dos três anos de idade.

Segundo dados mais recentes do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019), o registro de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) matriculados nas redes de ensino pública e particular no Brasil em 2017 foi de 77.102 crianças e adolescentes cadastradas nas mesmas instituições de alunos sem deficiência. Em 2018, foram registrados 105.842, evidenciando aumento de 37,27% em um ano. (SOUZA e RUELA, 2022, p.2).

Nesse aspecto, as pesquisas apontam para o aumento considerável de registro de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo, fato que ressalta a necessidade de propor estratégias de ensino para esses alunos a partir de uma investigação individual de suas necessidades, levando em consideração suas especificidades, tendo em vista esse crescente número de matrículas de alunos autistas nas redes de ensino do país.

Diante dessa afirmação, o presente trabalho busca responder de imediato ao problema de pesquisa: de que maneira a utilização de ferramentas educacionais e o uso de recursos lúdicos podem atrair a atenção e auxiliar o aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) nas disciplinas



escolares, colaborando para o seu processo de ensino e aprendizagem de maneira significativa e prazerosa na educação infantil?

A ludicidade tem papel importante nesse processo, pois uma das alterações que impactam na vida do aluno com TEA é a dificuldade na aprendizagem em sala de aula, visto que todas as especificidades relacionadas a esse transtorno afeta o processo de ensino e aprendizagem, e conseqüentemente, o desenvolvimento da pessoa com autismo, então, trabalhar com ferramentas lúdicas, seja por meio das brincadeiras, das músicas, das danças ou dos jogos educativos proporciona um aprendizado para possibilidades, buscando sempre o desenvolvimento dos alunos e a construção do conhecimento pelo próprio aluno.

O presente artigo busca também apresentar as ferramentas TEACCH, ABA e PECS que podem auxiliar os professores em sala de aula de modo a facilitar o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos autistas na educação infantil.

Este artigo teve como objetivo conhecer as propostas de intervenção mais utilizadas com crianças autistas, com destaque para a aplicação dessas ferramentas no ambiente escolar. A metodologia utilizada na elaboração deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, e para responder o objetivo proposto, as fontes de pesquisa foram: livros, sites, artigos, dissertações, anais e revistas.

Ao longo do trabalho, buscou-se conceituar o transtorno do espectro do autismo (TEA) e descrever suas características, abordando as contribuições que o lúdico traz para o aluno autista, bem como destacar as ferramentas de intervenções educacionais e comportamentais mais trabalhadas com crianças autistas.

O desenvolvimento do tema proposto para o artigo segue organizado em seções que se complementam: a primeira seção apresenta a caracterização do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), com fundamentação em: Silva, Gaiato e Reveles (2012.), Cunha (2017), Cléto (2019), Malheiros *at al.* (2017), Lei nº9.394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais(DSM V/ 2013), Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos do indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesta seção também apresento as informações acerca do diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo com base nas seguintes referências bibliográficas e documentais: Guiteiro (2016), Borba e Barros (2018), Laznik (2009), Brito (2015), Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5º edição ou DSM-5 (2014), Cunha (2017), Khoury *et al.* (2014), Moreira (2011) e também Brites (2019).

Na segunda seção destaco a importância da ludicidade para o aluno com autismo e apresento três dos principais métodos de intervenção que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem do aluno autista: Análise Aplicada do Comportamento (ABA); TEACCH (Tratamento e Educação para



Crianças Autistas e com Déficit de Comunicação) e o PECS (Sistema de Comunicação através da Troca de Figura) com fundamentação em Friedmann (2012), Bispo (2020), Costa (2015), Skinner (2006, apud Costa, 2015) e Brites (2019).

A terceira seção discorre sobre a metodologia de pesquisa bibliométrica que teve como base no autor Silva (2016) em que se buscou artigos a partir de palavras-chave a fim de demonstrar como estão as pesquisas relacionadas ao tema do deste trabalho.

Por fim, na última seção é feita as Considerações Finais do foi observado durante toda esta pesquisa, com análise dos estudos já existentes sobre o Transtorno do Espectro do Autismo e do que ainda é preciso avançar nessa questão.

## 2 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O Marco inicial dos direitos dos alunos com autismo foi decorrente da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a da Lei nº9.394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001) e a da Política Nacional Inclusiva (2008), fazendo-se necessário, no País, realizar as devidas adaptações curriculares pautado no conceito de estratégias e critérios para a atuação dos docentes, sendo assim é preciso buscar o entendimento sobre esse transtorno, conhecer suas particularidades e características, e investigar quais são as reais necessidades dos alunos com TEA a fim de promover a inclusão e desenvolver esses alunos integralmente. (CLÉTO,2019).

O Transtorno do Espectro do Autismo na Educação Infantil vem se destacando na atualidade, devido ao aumento significativo de diagnóstico precoce a partir dos avanços de estudos referente a essa área da educação especial - segundo apontamentos que constam no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V/ 2013).

A Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos do indivíduo com Transtorno do Espectro Autista, caracteriza o TEA no artigo 1º, como:

- I-deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação Sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;
- II- Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

O termo autismo foi citado primeiramente por Plouller, em 1906, quando estudava pacientes que tinham diagnóstico de demência precoce e esquizofrenia. Todavia, o termo só foi difundido em 1911 por Bleuler, definindo-o como perda de contato com a realidade, ocasionado pela dificuldade



ou impossibilidade de comunicação interpessoal, caracterizando-o como transtorno básico de esquizofrenia, como destaca Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 77):

A palavra "autismo" deriva do grego "autos", que significa "voltar-se para si mesmo". A primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, em 1911, para descrever uma das características de pessoas com esquizofrenia, se referindo ao isolamento social dos indivíduos acometidos.

Segundo Cunha (2017), em termo de pesquisas publicadas, foi o psiquiatra austríaco Leo Kanner em 1943, através da obra - Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo - que deu início as pesquisas relacionadas ao autismo. De acordo com o autor, Kanner (1943) descreveu nessa obra situações em que onze crianças tinham em comum um desejo de preservação da rotina e o isolamento excessivo, denominando-as como autistas. Ele já postulava sobre a causa central do autismo como uma ordem afetiva e não cognitiva.

A partir daí a comunidade científica chamou a atenção para a grande possibilidade da influência e ambiente familiar resultarem nesses comportamentos específicos dos autistas.

Malheiros et al. (2017) destaca que dificilmente os comportamentos e interesses repetitivos e/ou rituais se manifestam antes dos 18 meses, tornando-se mais perceptíveis entre os 3 e 4 anos de idade, pois nesse período a identificação do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é menos ambígua. Por isso, a tendência é de que as crianças com suspeita de TEA sejam encaminhadas apenas quando a família identifica um atraso importante na fala, mesmo que antes tenham percebido desvios no desenvolvimento da sociabilidade.

## 2.1 Diagnóstico

De acordo com Guiteiro (2016, p.19), para obter o diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo, a criança passa por uma avaliação com um psicólogo ou médico neurologista, e a partir daí é possível identificar o grau ou o nível deste transtorno, não sendo possível o diagnóstico por meio de exames.

A criança com Transtorno do Espectro Autismo (TEA) apresenta dificuldades funcionais que interferem na interação social e quando a criança está em idade escolar, esse quadro se torna ainda mais agravante, visto que o transtorno atinge de forma significativa a aprendizagem, demandando do pedagogo além de conhecimento especializado, um firme comprometimento de trazer a interação para o ambiente escolar e ajudar a criança autista a alcançar níveis de aprendizagens positivos, pois como confirma Laznik<sup>3</sup> (2004, p.29) quando afirma que “no comportamento de um autista, percebe-se o



isolamento, dificuldade de afetividade, atrasos na fala entre outros. Quanto mais cedo diagnosticado, inicia-se o tratamento de adaptação à escola, motricidade, afetividade, [...]”.

Sobre o termo “espectro”, segundo Borba e Barros (2018, p.4), indica que: quando se fala no transtorno do autismo, queremos dizer que existem graus ou níveis diferentes deste transtorno para cada criança”. Ou seja, as crianças diagnosticadas com autismo podem apresentar dificuldades maiores ou menores dependendo do grau do transtorno manifestado. “Para ser diagnosticada desta forma, a pessoa deve ter apresentado sinais que se iniciam nos primeiros anos de vida de uma criança e comprometem a sua capacidade de se relacionar com o ambiente em que vive”.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5º edição ou DSM-5 (2014) orienta como os estudos recentes têm ajudado na descoberta das possíveis causas do autismo. Através deste manual, busca-se descobrir as causas que levam ao TEA, apontando para fatores biológicos, genéticos e ambientais. De acordo com Cunha (2017, p. 19): “trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes”.

De acordo com este manual, existe três níveis de comprometimento (níveis 1, 2 e 3). O Nível 1 é o nível de menor comprometimento e o Nível 3 é o de maior severidade dos sinais. Em cada nível é possível identificar características variadas que acometem as crianças. Para uma pessoa ser diagnosticada com TEA, ela terá que apresentar atrasos no desenvolvimento em três áreas, no relacionamento interpessoal, na fala, na área motora. De acordo com Brito (2015) as crianças diagnosticadas com autismo possuem dificuldade de iniciar e manter uma conversa com outras crianças e algumas evitam se aproximar, evitam contato visual e na maioria das vezes tem preferência em ficar isolada, o que provoca prejuízo na interação social.

Algumas crianças também podem estabelecer contato por meio de comportamentos não verbais e, ao brincar, preferem manipular objetos em vez de se movimentar juntamente com as demais crianças, porém esses comportamentos podem variar de acordo com o nível de autismo.

De acordo com nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID-11 (ICD-11 na sigla em inglês para International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems), lançada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) passou a constar como um diagnóstico unificado.

A versão anterior, a CID 10, trazia vários diagnósticos dentro dos Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD — sob o código F84), como: Autismo Infantil (F84.0), Autismo Atípico (F84.1), Transtorno Desintegrativo da Infância (F84.3), Transtorno com Hipercinesia Associada a Retardo Mental e a Movimentos Estereotipados (F84.4), Síndrome de Asperger (F84.5), Outros TGD (F84.8) e TGD sem Outra Especificação (F84.9).



A versão atualizada da classificação une todos esses diagnósticos no Transtorno do Espectro do Autismo (código 6A02 — em inglês: Autism Spectrum Disorder — ASD), as subdivisões passaram a ser apenas relacionadas a prejuízos na linguagem funcional e deficiência intelectual. Essa modificação visa facilitar o diagnóstico e simplificar a codificação para acesso a serviços de saúde.

Ainda sobre as especificidades do autismo, Khoury *et al.* (2014, p.23) destaca que:

[...] interesses restritos; pouco ou nenhum contato visual; ecolalia (repetição de elementos da fala); frequentemente não respondem quando são chamadas; dificuldades para expressar necessidades; apego a rotinas (rejeição às mudanças); movimentos estereotipados e repetitivos; frequentemente não gostam do toque físico, sentem-se incomodadas; podem andar nas pontas dos pés; autoagressão (podem morder-se, bater-se); preferem brincadeiras de giros ou balanços; podem ter habilidades específicas bem desenvolvidas ou ilhotas de habilidades; aversão a barulhos altos; dificuldades em manter e em sustentar a atenção por longos períodos de tempo; instabilidade de humor; limiares de dor elevados; preferências por brincadeiras relacionadas a enfileirar ou empilhar coisas; dificuldades em coordenação motora fina.

Ainda não é possível saber a verdadeira origem do autismo, e, de acordo com Moreira (2011), apesar de muitos estudos afirmarem que este advém de herança genética, não há um padrão de herança característico, sendo assim, o autismo pode ser condicionado por um mecanismo multifatorial, no qual diferentes combinações de alterações genéticas associadas à presença de fatores ambientais predisponentes podem desencadear o aparecimento do distúrbio.

Além dos níveis do autismo, segundo Brites (2019), o TEA pode se dividir em dois sinais: principais e secundários. Os principais afetam a interação social e a comunicação, acarretando dificuldades de expressar suas necessidades, de interagir com o meio social, demonstrando seus sentimentos através de movimentos repetitivos. Os secundários afetam os sentidos da criança: auditivo (não gostam de barulho excessivo), táteis (sensibilidade ao toque) olfativos (sentindo enjoo com determinado cheiro) gustativo (se incomodam com as texturas de alimentos) e visuais (com pouco ou nenhum contato visual).

Consoante Brites (2019), as terapias com o uso de fonoaudiologia - responsável pelo desenvolvimento da linguagem, verbais ou não verbais, terapias ocupacionais que busca auxiliar no desenvolvimento motor e nas noções de espaço e terapias de integração sensorial, é responsável pelo desenvolvimento dos sentidos da criança, ajudando na interação com o ambiente.

É preciso investir na capacitação dos profissionais que irão acompanhar os alunos para que possam conhecer as características e necessidades de cada um, a fim de estimular a percepção investigativa dos alunos autistas, favorecendo assim sua aprendizagem e o seu desenvolvimento, pois quanto mais cedo intervir de forma efetiva naquilo que o aluno apresenta dificuldade maiores são as chances de diminuição dos sinais de autismo.



### 3 AS CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE E DOS MÉTODOS ABA, TEACCH E PECS PARA O ALUNO

Atualmente, as crianças autistas estão sendo inseridas na escola regular e é preciso estratégias que chamem a atenção desse aluno. A brincadeira é uma forma lúdica que busca atrair a atenção e também a compreensão da criança autista.

De acordo com Friedmann (2012) as atividades lúdicas não são exclusivamente das crianças de dois anos de vida, mas se faz presente em toda a infância da criança. À medida que a criança vai crescendo e se desenvolvendo, novos desafios são proporcionados a ela para que aprenda por meio da experimentação.

Acerca da importância do lúdico na educação infantil, Bispo (2020, p.4) enfatiza que: é através da brincadeira que ela se desenvolve e melhora suas interações sociais. Essas relações proporcionam tanto o aprendizado como também o sentido afetivo, ressaltando no fortalecimento da segurança e confiança. Quando uma criança com TEA utiliza o brinquedo, ela compreende que o brinquedo se manifesta como sua expressão, levando-a a expressar seus sentimentos, vontades e experiências reais.

Por isso, acerca dos métodos de intervenção usados no TEA, Costa (2015, p. 45) afirma que:

Existem, [...], algumas metodologias difundidas mundialmente e utilizadas também no Brasil que direcionam o atendimento educacional ao aluno com TEA, como o TEACCH (Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlatos da Comunicação), o PECS (Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras) e a ABA (Análise Aplicada do Comportamento), e que estas metodologias são pautadas na teoria Behaviorista [...].

A corrente behaviorista se baseia na teoria do comportamento operante, e conforme Skinner (2006, apud COSTA, 2015): “[...] quando um comportamento operante tem o tipo de consequência chamada reforço, há maior probabilidade de ele ocorrer novamente. Assim, [...] um reforçador positivo fortalece qualquer comportamento que o produza e um reforçador negativo revigora um comportamento que o reduza”.

Para ampliar o conhecimento sobre intervenção, serão destacados a seguir três métodos que auxiliam no processo educacional do aluno com autismo.

#### 3.1 Análise Aplicada do Comportamento (ABA)

A Análise Aplicada do Comportamento é um programa conhecido também como Terapia Comportamental Especializada para Autismo, que busca auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, e na socialização do aluno autista através da intervenção no comportamento do aluno, traçando estratégias adequadas para modificar ou criar novas habilidades. Pode-se dizer que existem



métodos baseados em Análise Aplicada do Comportamento, mas a ABA não é “um método”.

Como define Brites (2019): “A ABA é o modelo científico de intervenção comportamental considerado o mais eficaz para a redução de sintomas autísticos e de seus comportamentos inadequados e pouco adaptados ao ambiente”. Esse modelo de intervenção possibilita ao aluno a estrutura necessária para que ele alcance novas aprendizagens através de estímulos voltados para suas necessidades educacionais, uma vez que é observado seus comportamentos e suas limitações é possível traçar estratégias específicas para cada caso.

Costa (2015, p. 48) acrescenta que o método ABA:

[...] se baseia nos princípios do condicionamento aplicados por Skinner, cuja perspectiva de condicionamento operante prega que os comportamentos são aprendidos no processo de interação entre os indivíduos e seu ambiente por meio de reforçadores positivos ou negativos.

Com esse referencial teórico, a educação atribuída aos autistas se pauta na mudança de comportamento observável como fator determinante para a aprendizagem, envolvendo, segundo Orrú (2008, p1) “recompensa e controle, planejamento criterioso das contingências de aprendizagem, das sequências de atividades e modelagem do comportamento do homem”. Dessa maneira, as respostas emitidas pelo aluno autista, considerado o receptor do conhecimento, são orientadas pelo professor que prepara o ambiente do aluno e conduz todo o trabalho educacional. Com base no modelo comportamental, esse trabalho envolve intervenção e avaliação, sendo feito diagnóstico através de testes que demonstram as competências e as dificuldades do aluno.

Portanto, a estratégia de intervenção ABA, busca auxiliar a criança com TEA a desenvolver sua autonomia e conseqüentemente melhorando sua qualidade de vida, pois envolve um estudo sobre o seu comportamento para identificar suas dificuldades e a partir de então traçar o plano de intervenção para o desenvolvimento de novas habilidades, resultando assim no aumento da motivação da criança, podendo ser aplicado juntamente com outras ferramentas, como as ferramentas dos subtópicos seguintes.

### **3.2 Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Déficit de Comunicação - (TEACCH)**

Conforme Brites (2019, p.148), o programa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação (TEACCH) que foi criado na Universidade da Carolina do Norte, ao final dos anos 1960, é voltado especificamente aos processos educacionais e enfatiza o trabalho integrado entre pais e profissionais, realizando as intervenções de acordo com as características de cada um e usando formas de ensino estruturado.

O método TEACCH, de acordo com Costa (2015, p.50), busca organizar o ambiente com conforto e segurança a fim de facilitar o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno autista, além de



desenvolver a independência com tarefas previsíveis através de quadros, painéis ou agenda com o objetivo de levar a criança a compreender o que se espera dela por meio de determinadas tarefas.

A organização do ambiente é fundamental nesse método, pois permite que a criança reflita sobre o que se espera dela, levando-a a analisar suas ações em diferentes situações. Além disso, ao desenvolver sua independência, o aluno se sente motivado a realizar as tarefas de forma mais autônoma sem o auxílio total do professor.

Quanto a estrutura do Método TEACCH, Brites (2019, p.148) acrescenta que a organização do ambiente físico deve levar em consideração o perfil e a necessidade da criança para que ela se sinta confortável com as atividades disponíveis e compreenda as sequências e as rotinas que ela deve seguir, além da rigorosa organização dos materiais e tarefas para facilitar sua interação com o ambiente de aprendizagem disponibilizado a ela.

Sendo assim, a utilização da ferramenta TEACCH tem por objetivo organizar o ambiente escolar de forma adequada, podendo utilizar modelos que ajudem na intensificação do método, como ABA e PECS, através de metodologias planejadas que respeite as características individuais da criança autista para que ela se sinta segura e compreenda as atividades realizadas naquele espaço, alcançando mais autonomia e desenvolvendo sua aprendizagem.

Para tanto, é preciso que a utilização do TEACCH seja feita por profissionais capazes de identificar comportamentos difíceis nos alunos autistas e que saibam a maneira mais adequada de intervenção para uma situação específica, de modo a preparar o ambiente com toda estrutura necessária de acordo com o perfil e as necessidades do aluno.

### **3.3 PECS - Sistema de Comunicação através da Troca de Figura**

Estudos recentes mostram que de 20% a 30% das pessoas autistas não desenvolvem a linguagem expressiva, ou seja, a fala ou a forma verbal expressiva, o que dificulta sua comunicação e interação social, e conseqüentemente, a aprendizagem, diante disso, Brites (2019) destaca que é natural a busca por alternativas que compense a falta da fala.

O sistema PECS foi desenvolvido, de acordo com Costa (2015, p.51), para ajudar crianças e adultos com autismo e com outros distúrbios de desenvolvimento a adquirir habilidades de comunicação através da troca de figuras uma vez que a linguagem é uma das áreas com comprometimento em crianças com autismo.

Sobre esse sistema baseado na comunicação através de troca de figura (PECS), Brites (2019, p.151) acrescenta que:

[...] o programa é dividido em seis etapas que vão sendo implementadas paulatinamente, até que as figuras atinjam o objetivo de se tornarem comunicativas. Envolve princípios de



comportamento verbal e estratégias de reforçamento até alcançar a comunicação independente. As figuras podem representar rotinas, imagens de emoções, objetos do cotidiano, horários e etapas de tempo, símbolos gráficos que denotam sentido e direção, e anagramas.

Além de funcionar como uma forma alternativa de comunicação, esse método garante à pessoa autista um sentimento de pertencimento, pois ela conseguirá ultrapassar a barreira da comunicação e se expressar melhor. Com a criança autista em ambiente escolar, os benefícios dessa estratégia trarão resultados ainda mais significantes, pois quando se trabalha desde os primeiros anos de vida naquilo que a criança tem necessidade há muito mais chances de amenizar os sintomas do autismo. Essa estratégia busca estimular a comunicação do autista, principalmente aquele que se enquadra no nível mais severo do transtorno, sendo mais uma forma de expressão utilizada por ele.

Percebe-se que existe diversas formas de intervenção para trabalhar com o aluno autista no ambiente escolar, para tanto, é fundamental que o professor e os profissionais da educação tenham embasamento teórico ao lidar com a criança autista, avaliando suas dificuldades, fazendo o planejamento individual levando em consideração as especificidades do aluno, incluindo ferramentas como as que foram citadas no planejamento das atividades visando auxiliar no processo de ensino-aprendizagem do aluno autista.

Desse modo, ao diversificar suas práticas e atividades o professor proporciona ao seu aluno uma aprendizagem satisfatória, devendo levar em consideração um espaço flexível e inclusivo onde o aluno encontra múltiplas experiências.

#### **4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA BIBLIOMÉTRICA**

A curiosidade pela investigação da realidade impulsionou essa pesquisa na busca por uma aproximação entre a teoria e a prática, buscando assim um amplo conhecimento sobre a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo. Com o objetivo de alcançar o aprofundamento teórico a partir da pesquisa bibliométrica sobre o tema do trabalho e a elaboração dos resultados obtidos nesta pesquisa, foram utilizados dois sites de busca: o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e Scientific Electronic Library Online – SciELO/Brasil, utilizando três palavras-chave: Autismo - Criança Autista e Educação Inclusiva para localizar os artigos, delimitando o ano de publicação entre os anos de 2018 a 2022 e com idioma em português.

Nesse sentido, de acordo com Silva (2016, p. 249), para realizar um levantamento bibliométrico, é necessário entender o tema em questão a fim de definir as palavras-chave que serão



pesquisadas. É importante também definir os filtros, “caminhos”, para buscar os artigos que traga um panorama de como caminham as pesquisas acerca do assunto.

No momento da pesquisa, foi possível observar em ambos os sites uma diminuição significativa no quantitativo de artigos no idioma Português, quando comparado com todos os artigos publicados até o momento da pesquisa.

#### 4.1 Do quadro demonstrativo

No site CAPES foram encontrados 456 artigos com a combinação das palavras-chave: “Autismo”, “Educação Inclusiva” e “Transtorno do Espectro Autista”, conseqüentemente, foram selecionados cinco artigos que contribuem com os estudos levantados nesta pesquisa a partir da definição dos seguintes critérios: assunto *Education&EducationalResearch* e idioma Português. Sendo assim, julgou-se necessária a elaboração do quadro abaixo para uma melhor apresentação dos dados coletados.

**Quadro 1.** Demonstrativo de panorama em pesquisas realizadas

Autor (es)	Título	Objetivo	Metodologia	Resultados/ Análise	Data/Hora Da Pesquisa
Silva; Soares e Benitez (2020)	Software mTEA: do Desenho Computacional à Aplicação por Profissionais com Estudantes com Autismo	Elaborar um ambiente digital denominado como mTEA e avaliar o uso do mTEA.	Análise dos dados e análise dos relatos.	Os dados deste estudo alcançaram os objetivos iniciais propostos em relação à elaboração e à avaliação do mTEA, com dados fundamentais para continuidade e aprimoramento do ambiente, visando à disseminação e ao uso por diferentes agentes educacionais.	25/09/2022 as 18h53m
Pimenta (2019)	Clínica e Escolarização dos Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Mostrar as implicações das prerrogativas desse documento, especificamente e para a inclusão escolar dos alunos com Transtorno do	Análise Documental.	Empenha-se em fazer com que os achados de tais teorias contribuam para a reflexão do professor com seus alunos, em especial aquele de atendimento educacional especializado (AEE), tanto nas	26/09/2022 as 07h08m



		Espectro Autista (TEA).		estratégias comportamentais, quanto na preparação do material pedagógico que leve em conta suas características psíquicas conhecidas.	
Martin; Abreu e Rozek	Conhecimentos e crenças de professores sobre a educação inclusiva: revisão sistemática da literatura nacional	Mapear, de forma sistemática, a literatura científica brasileira sobre o tema dos conhecimentos e crenças de professores em relação à Educação Inclusiva.	Revisão sistemática da literatura nacional.	Os estudos indicam que os estudos que tratam da formação de professores na perspectiva da Educação Inclusiva ainda são muito recentes no país. Além disso, verifica-se um considerável aumento na produção nos últimos oito anos analisados, cujo início coincide com o ano da publicação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva	26/09/2022 as 06h25m
Silva e Szymanski (2020)	Crianças e seus diagnósticos no cenário da educação inclusiva: a perspectiva de mães e professoras	Compreender sentidos do diagnóstico (ou de sua ausência) de crianças com NEE para suas mães e professoras.	Qualitativa participativa interventiva e dialógica.	Revelou-se que o diagnóstico tem um papel importante para dar segurança às professoras e mães nas intervenções e ações cotidianas com crianças com necessidades educacionais especiais.	26/09/2022 as 06h27m
Nunes; Barbosa e Nunes (2021)	Comunicação Alternativa para Alunos com Autismo na Escola: uma Revisão da Literatura	Ampliar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, o acervo de pesquisas tratadas em revisões anteriores e, assim, analisar os contextos em que a CAA foi utilizada	Revisão Integrativa da Literatura.	Foram identificadas lacunas em aspectos pragmáticos da comunicação dos educandos.	27/09/2022 as 23h43m



		com educandos com TEA na escola regular.			
--	--	--	--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa coletados no site CAPES.

No site *Scielo* foi possível encontrar um total de 300 artigos a partir da combinação de três palavras-chave: “Autismo”, “Educação Inclusiva” e “Transtorno do Espectro Autista”, sendo 163 com o idioma em Português, que após dividi-las por “*Wos Áreas Temáticas: Education*” em que seis dialogam com o tema desta pesquisa.

**Quadro 2.** Demonstrativo de panorama em pesquisas realizadas

Autor (es)	Título	Objetivo	Metodologia	Resultados/Análise	Data/Hora Da Pesquisa
Lazzarini e Elias (2022)	História Social e Autismo: uma Revisão de Literatura	Examinar artigos sobre Histórias Sociais para determinar as potencialidades e as fragilidades das pesquisas que exploraram o uso dessa intervenção para indivíduos com TEA.	Pesquisa bibliométrica.	Os resultados indicaram modificações relevantes de comportamento para participantes com TEA de diversas idades e em diferentes ambientes, mas um único comportamento por vez é alvo da intervenção.	14/09/2022 As 14h33m
Carvalho e Schimidt (2021)	Práticas Educativas Inclusivas na Educação Infantil: uma Revisão Integrativa de Literatura	analisar, na literatura científica, práticas educativas inclusivas de dimensão processual para a Educação Infantil que apresentam indícios de efetividade e/ou eficácia na última década.	Pesquisas empíricas em bases de dados.	Apesar de as práticas analisadas parecerem relativamente simples de serem implementadas no cotidiano escolar, seu conjunto mostra a importância do planejamento, da organização e da condução das atividades escolares, de forma a promover oportunidades concretas para	14/092022 As 14h30m



				que crianças com alguma deficiência possam desenvolver plenamente seu potencial.	
Melo e Alencar (2020)	A formação do pedagogo em uma perspectiva inclusiva: análise documental	Analisar os documentos normativos que regem a Educação e a formação do profissional habilitado a atender as singularidades das pessoas que enfrentam as maiores dificuldades de aprendizagem: o pedagogo.	Análise de documentos normativos.	Identificou um movimento de fortalecimento das práticas inclusivas conforme os documentos assumiam um caráter micropolítico.	22/09/2022 As 00h49m
Valadão e Mendes (2018)	Inclusão escolar e o planejamento educacional individualizado : estudo comparativo sobre práticas de planejamento em diferentes países	Realizar uma análise da legislação sobre PEI e dos modelos de execução desse tipo de planejamento em países, a saber: França, Itália, Estados Unidos e Brasil.	Análise da legislação.	O Brasil não possui dispositivos na legislação que garantam que tais estudantes tenham um PEI baseado em suas peculiaridades, resultando num planejamento centrado mais nos serviços existentes do que nas necessidades dos alunos.	22/09/2022 As 00h58m
Fernandes e Nohama (2020)	Jogos Digitais para Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA): Uma Revisão Sistemática	Pesquisar estudos que continham o termo game em conjunto com termos relacionados ao TEA.	Revisão sistemática da literatura.	É possível verificar a consistência de tal abordagem, encorajando a continuidade das pesquisas e do desenvolvimento de jogos digitais com foco em tecnologia assistiva para	28/09/2022 As 22h24m



				peças com TEA.	
Lemos; Nunes e Salomão (2020)	Transtorno do Espectro Autista e Interações Escolares: Sala de Aula e Pátio	Analisar episódios interacionais de crianças com autismo nos contextos de sala de aula e pátio, considerando seus pares e professores.	Pesquisa quantitativa e qualitativa.	Os episódios interacionais completos caracterizaram-se pelo uso de objetos e mediações didáticas dirigidas pelas professoras às crianças autistas.	28/09/2022 As 22h26m

**Fonte:** Dados da pesquisa coletados no site SCIELO.

No momento da pesquisa foi possível observar que ainda precisamos avançar nos estudos sobre a inclusão, especificamente dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) quando se comparado aos estudos já realizados em outros países.

Na plataforma *SCIELO* foi encontrado um número insuficiente de artigos que contemplassem os estudos incitados nesta pesquisa, ao utilizar-se da palavra chave “Transtorno do Espectro Autismo”, não foram encontrados resultados. Na plataforma *CAPES* encontrou-se apenas um artigo com a palavra-chave “autismo”, o que demonstra a necessidade de avanço nos estudos e pesquisas sobre essa temática.

Observou-se também que, em ambos os sites, poucos artigos versam sobre metodologias diferenciadas que auxiliam o processo de ensino e aprendizagem do aluno autista. Percebeu-se também uma quantidade maior de pesquisas relacionadas a capacitação dos educadores na área da educação inclusiva, porém esse número ainda se encontra aquém do esperado para uma área que demanda ampla especialização.

Nesse sentido, compreende-se que ainda é insuficiente o número de pesquisas voltadas para o contexto de ensino e aprendizagem do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo, bem como, para o contexto da capacitação dos docentes para a inclusão dos mesmos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desta pesquisa teve como motivação as minhas inquietações no período em que fui mediadora de um aluno autista e que muitas vezes não sabia como agir e precisava se reinventar de acordo com as especificidades dele para fazer as intervenções que pudessem ajuda-lo.

Então esta pesquisa teve como base a necessidade de propor estratégias de ensino para esses alunos a partir de uma investigação individual de suas necessidades e como problema de pesquisa buscou responder: de que maneira a utilização de ferramentas educacionais e o uso de recursos lúdicos



podem atrair a atenção e auxiliar o aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) nas disciplinas escolares, colaborando para o seu processo de ensino e aprendizagem de maneira significativa e prazerosa na educação infantil?

Ao longo desta pesquisa, desenvolvida como Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia, foi possível confirmar que o primeiro passo para os professores é a busca constante por informações pois o não conhecimento ou informações equivocadas sobre o Transtorno do Espectro do Autismo levam alguns profissionais a considerarem apenas as dificuldades e as limitações destes alunos, e durante minha atuação como mediadora pude observar também que ainda alguns professores concluem que esses alunos não possuem condições de aprender e alfabetizar-se.

O professor não deve rotular aquele aluno que tem autismo, e essa pesquisa mostrou que é preciso buscar esclarecimentos em relação as características e necessidades dos alunos com TEA, pois cada um aprende de uma maneira, pois o Transtorno do Espectro Autista apresenta em diferentes níveis.

Portanto a pesquisa evidenciou que a busca por conhecimentos deve ser o principal objetivo do professor de maneira a acolher esses alunos e fazê-los se sentirem capazes, para isso a escola precisa investir nas possibilidades de conhecimento destes alunos.

A pesquisa apontou também que para as crianças com Transtorno do Espectro do Autismo com dificuldades de interação e comunicação, alfabetizar-se é uma conquista importante e fundamental que proporcionará a elas a autonomia para sua inclusão na sociedade.

Porém, a alfabetização dos alunos com TEA é um desafio para os professores, pois no processo de alfabetização pressupõe uma participação ativa do aluno, uma interação que é mais difícil de acontecer com esse aluno, porém estas dificuldades não indicam que não sejam capazes de aprender, indicam que os professores precisam encontrar meios para que a aprendizagem aconteça.

As ferramentas ABA, TEACHH e PECS, dentre outras possibilidades, podem auxiliar os alunos nesse processo através das associações de imagens, atividades envolvendo repetições, imitação, organização visual do ambiente, pareamento de estímulos, recompensas pelas respostas adequadas e não evidenciando os erros, visando tornar a aprendizagem mais agradável para a criança autista e buscando desenvolver sua autonomia.

No decorrer da pesquisa bibliométrica, foi possível observar que há um longo caminho a ser percorrido em relação aos estudos sobre o Transtorno do Espectro Autismo no Brasil, visto que outros países demonstram avanços em relação as estratégias de ensino para o aluno com autismo e principalmente no que tange a aplicação dessas estratégias.

Dentre os artigos encontrados pela plataforma CAPES, nas buscas realizadas nesta pesquisa, apenas cinco estão relacionadas as discussões incitadas neste estudo, nos quais apontam para a



importância da capacitação dos educadores e dos profissionais da educação no processo de inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista.

O insuficiente número de artigos publicados no âmbito desta proposta, pela plataforma Scientific Electronic Library Online – SciELO/Brasil, enfatiza a necessidade de avanços nos estudos e pesquisas voltados para esse contexto de ensino e aprendizagem do aluno autista.

Neste sentido, compreende-se que ainda é insuficiente a quantidade de estudos e pesquisas dentro da discussão que envolve as estratégias educacionais que auxiliam os alunos com autismo na educação infantil, bem como os aspectos que envolvem a formação profissional dos educadores para que ocorra a inclusão desses alunos.

## REFERÊNCIAS

BISPO, Matheus Luamm Santos Formiga. **Brincadeiras como Ferramenta de Aprendizagem**. In: Anais do XIV Colóquio Internacional “Educação Contemporaneidade” Educação, Sociedade e Práticas Educativas, n.3, 2020, São Cristóvão/SE. Anais [...] Simpósio Internacional De Educação E Comunicação: SIMEDUC, 2021.

BORBA, Marilu M. C.; BARROS, Romariz S. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo**. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018. Disponível em: <https://abpmc.org.br/wp-content/uploads/2021/08/1521132529400bef4bf.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BRASIL. **Lei Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015**. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 05 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Brasília: MEC, 1996. Acesso em: 05 set. 2022.

BRASIL. **Lei Nº 12.764/2012, de 27 de Dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art.98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Acesso em: 05 set. 2022.

BRITES, Luciana; BRITES, Clay. **Mentes Únicas**. São Paulo: Editora Gente, 2019, p. 133-151.

BRITO, E. R. de. **A inclusão do autista a partir da educação infantil: um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no município de Sinop - Mato Grosso**. Revista Eventos Pedagógicos, Sinop - Mato Grosso, v. 6, n. 2, p. 82–91, 24 jun. 2015. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/9667>. Acesso em: 19 out. 2022.

COSTA, Deise Aparecida Curto da. **O autismo e a Educação Especial: o “mundo” de (im)possibilidades para a humanização**. 169 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de



Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maringá, 2015.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

CUNHA, E. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

Cléto, A. L. **Adaptações e adequações curriculares com significações**. Revista Autismo. Edição nº 04., 11 mar. 2019.

DSM-5. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FRIEDMANN, A. **O brincar na educação infantil**: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

GUITERIO, Rachel do Nascimento. **Lúdico e autismo**: uma combinação possível nas aulas de ciências. Mestrado em Educação-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 19-22, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19503261-Rachel-do-nascimento-guiterio-ludico-e-autismo-uma-combinacao-possivel-nas-aulas-de-ciencias.html>. Acesso em: 17 mar. 2022.

KHOURY, L. P. et al. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar**: guia de orientação a professores [livro eletrônico]. São Paulo: Memnon, 2014.

LAZNIK, M.C. **A voz da sereia**: O autismo e os impasses na constituição do sujeito. 3ª edição, Salvador: Ágalma, 2004.

MALHEIROS, G. C.; PEREIRA, M. L. C.; MANSUR, M. C.; MANSUR, O. M. F. de C.; NUNES, L. R. de O. de P. **Benefícios da intervenção precoce na criança autista**. Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 36–44, 2017. DOI: 10.29184/1980-7813.rcfmc.121.vol.12.n1.2017. Disponível em: <http://www.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/121>. Acesso em: 24 out. 2022.

MANSUR, Odila Maria F. Carvalho; NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula; COLARES, Adriana Fantoni Naurath; SILVA, Brígida Maria Pereira Barbosa da; MANSUR, Laura Carvalho. **Sinais de alerta para transtorno do espectro do autismo em crianças de 0 a 3 anos**: Alerts for autism spectrum disorders in children from 0 to 3 years. Revista Científica da FMC, [S. l.], ano 2017, v. 12, n. 3, p. 6, 15 dez. 2017. Disponível em: <https://www.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/181>. Acesso em: 4 out. 2022.

MOREIRA, M. de O. K. **Autismo na Educação Infantil**. Monografia. 2011. Disponível em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/R200545.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/R200545.pdf). Acesso em: 19 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ICD-11 Application Programming Interface (API). Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://icd.who.int/icdapi/>. Acesso em 21 dez. 2022.

Orrú, S. E. (2008). **Os estudos da análise do comportamento e a abordagem histórico-cultural no trabalho educacional com autistas**. Revista Iberoamericana de Educación, v.45, n. 3. p.8, 25 de fev. 2008. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2120>. Acesso em: 03 nov. 2022.



SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifacio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular**: Entenda o autismo. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012. 288 p. ISBN 8539003587. Disponível em: <https://alma.indika.cc/wp-content/uploads/2015/04/Mundo-Singular-Ana-Beatriz-Barbosa-Silva.pdf> . Acesso em: 7 set. 2022.

SILVA, Filipe Quevedo-; SANTOS, Eduardo Biagi Almeida; VILS, Leonardo. **Estudo bibliométrico**: orientações sobre sua aplicação. Revista Brasileira de Marketing - Remark, São Paulo - Brasil, ano 2016, v. 15, n. 2, p. 249, 29 set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/12129>. Acesso em: 27 set. 2022.

SOUZA, Antônia Gonçalves de; RUELA, Guilherme de Andrade. O autismo infantil e a inclusão social na educação: revisão histórica e sistêmica atual. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 19, 24 de maio de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/19/o-autismo-infantil-e-a-inclusao-social-na-educacao-revisao-historica-e-sistemica-atual>. Acesso em: 06 set 2022.